

A INFLUÊNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE INTERVENÇÃO NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

THE INFLUENCE OF PLAYING IN THE PROCESS OF INTERVENTION IN THE TREATMENT OF CHILDREN WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER

Ana Cristina Bento de Santana Mendonça ¹

José Carlos da Silva²

Resumo: O presente trabalho, idealizado a partir de vivências no campo das terapias, em especial a aplicação do ABA, como o tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser realizado com a ajudar de atividades lúdicas, em especial jogos e atividades sonoras. A busca nesse trabalho é de apresentar, fazendo o uso da literatura nesta área e apoiando-se em estudos feitos neste campo, o quanto a ludicidade pode trazer benefícios para as crianças autistas e a família como parte importante no processo de desenvolvimento que busca por soluções e tratamentos que sejam eficazes mas também que se apresentem como prazerosas à criança, fazendo com que ela se sinta motivada

1 Graduada em pedagogia pela Faculdade Joaquim Nabuco e pós graduada em psicopedagogia pela Faculdade ALPHA.

2 Graduado em pedagogia pela Uninabuco, pós graduado em psicopedagogia institucional e clínica pela Faculdade ALPHA, pós graduação em educação especial e inclusiva pela Faculdade ALPHA.

a continuar com os tratamentos e, posteriormente entender como, mesmo através da brincadeira, pôde desenvolver-se.

Palavras-chave: Autismo; Lúdica; Tratamento.

Abstract: The present work, conceived from experiences in the field of therapies, in particular the application of ABA, such as the treatment of children with Autistic Spectrum Disorder (ASD) can be carried out with the help of playful activities, especially games and sound activities. . The search in this work is to present, making use of the literature in this area and relying on studies carried out in this field, how much playfulness can bring benefits to autistic children and the family as an important part in the development process that seeks solutions and treatments

that are effective but also present themselves as pleasurable to the child, making them feel motivated to continue with the treatments and, later, understand how, even through play, they could develop.

Keywords: Autism; Playfulness; Treatment.

INTRODUÇÃO

O tema abordado neste artigo relaciona-se à utilização de atividade lúdica como instrumento de intervenção para favorecer o desenvolvimento das crianças com transtorno do espectro autista (TEA). A escolha da temática vem da experiência enquanto terapeuta incidental e estruturada como aplicadora da Análise Aplicada do Comportamento (ABA), onde foi possível perceber o quanto é prazeroso

para o profissional, para a criança e para a família ver a evolução da criança enquanto paciente através do lúdico. Percebe-se também o quanto é desafiador, pois cada criança tem suas preferências e especificidades, esse brincar para fins terapêuticos não deve deixar de lado a essência da brincadeira, porém deve ter uma finalidade, precisa ser dado um direcionamento claro ao objetivo que está sendo proposto pelo uso dessa ludicidade.

Como nos aponta Guedes (2015), “Desde sua descoberta pelo médico austríaco Leo Kanner em 1943, este transtorno ou condição mental tem sido motivo de inúmeras discussões e controvérsias em relação ao seu diagnóstico, causas e tratamentos adequados.” (p. 303), com isso, reformações que a condição da criança autista ainda não tem um tratamento adequado que seja

aplicável em 100% dos casos, mas as terapias e tratamentos que vêm sendo desenvolvidos pelos profissionais das áreas de saúde e educação têm ajudado a encontrar as especificidades de cada criança e adaptado as formas de trabalhar com cada uma delas, de acordo com o que precisam e com seu desenvolvimento em relação às áreas em que tem necessidades especiais.

Quando tratamos da ludicidade, observamos que múltiplas habilidades e funções do plano cognitivo, social e emocional são favorecidas com o uso dela. Após justificar esse estudo, constrói-se a seguinte problemática: Quais estratégias são utilizadas pelos terapeutas para trabalhar o lúdico no tratamento de crianças com transtorno do espectro autista? Visando responder este questionamento é que chegamos ao foco deste trabalho: Anali-

sar o lúdico como instrumento de intervenção no tratamento de crianças autistas. No processo de análise deste instrumento no tratamento de crianças autistas, conseguimos compreender a ludicidade como facilitadora das funções cognitivas e sócio afetivas das crianças autistas e analisar se as estratégias de intervenção utilizadas com o lúdico tem contribuído para o desenvolvimento das crianças com transtorno do espectro autista.

Para que consigamos entender o papel da ludicidade no processo de tratamento, é necessário ressaltar que a criança com TEA não deixa de vivenciar o processo de tratamento, principalmente terapêuto mesmo com a evolução do seu desenvolvimento nas áreas cognitivas e sociais. Como tratado no livro Autismo,

Apesar dos avanços da

ciência, as causas concretas do Transtorno do Espectro Autista ainda são desconhecidas pela ciência. Como não se sabe ao certo a origem, não há cura para o autismo. Contudo, os estudos sobre terapias e tratamentos específicos para o transtorno, visando a qualidade de vida, vêm trazendo descobertas animadoras. (p. 8)

Ou seja, como ainda não há, cientificamente comprovada, a cura para o autismo, ao longo de sua vida o indivíduo portador do autismo passará por muitos anos vivenciando terapias voltadas ao desenvolvimento de suas necessidades e especificidades, por isso também é importante que o momento de terapia seja prazeroso e divertido para esses indivíduos, em especial às crianças.

Partindo da ideia da necessidade de tornar o momento das terapias em momentos de atividades prazerosas e divertimen-

to, assim como também se discute isso no campo da educação, não há como desvincular o papel do lúdico nos processos de terapias e educação. Como já posto, é indispensável frisar que essas atividades, mesmo que com perspectivas de diversão, precisam estar vinculadas a reais objetivos no desenvolvimento da criança. Não se pode escolher atividades que venham a gerar prazer e diversão momentânea para a criança, mas a longo prazo não tragam para ela alguma competência, novas habilidades ou desenvolvimento de alguma habilidade já existente. O lúdico por si só apenas entretém, enquanto aliado a objetivos concretos, entretém enquanto faz a criança evoluir.

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Em se tratando do

Transtorno do Espectro Autista (TEA), não podemos iniciar a discussão a respeito dos tratamentos e meios de intervenção sem defini-lo primeiramente. A definição que apresentamos para a criança com autismo é a de: “uma condição caracterizada pelo desenvolvimento acentuadamente anormal e prejudicado nas interações sociais, nas modalidades de comunicação e no comportamento” (American Psychiatric Association [APA], 2013). Assim, entendemos que as necessidades da criança com TEA refere-se a vários âmbitos e, mesmo manifestando-se de forma diferente em cada indivíduo, com maior ou menor atenuação em determinada área, é necessário o acompanhamento dos profissionais de saúde para melhor desempenho da criança e também da família em como lidar com o Espectro.

Sabemos que cada



criança se desenvolve em seu tempo, cada uma tem suas habilidades mais voltadas para determinada área e isso se reflete, em especial, na sua educação. O papel do educador e dos terapeutas frente a isso é, antes de tudo, observar as especificidades de cada criança e detectar em que área cada uma delas têm necessidade de atenção maior e a partir disso entender qual procedimento de intervenção e tratamento será adotado, assim como as metodologias aplicadas a cada caso. Ainda sobre o olhar individualizado para cada criança autista, Grandin nos aponta:

Apesar de ser um grupo com características em comum, cada pessoa com autismo é única, pois cada um manifesta os sintomas de forma diferente. O mais importante é saber que antes de enxergarmos o autismo temos

que ver a pessoa na sua individualidade.

Da mesma forma, Schwartzman (2011) também ressalta:

As inúmeras causas identificadas para o autismo e as divergências neste campo de estudo demonstram a necessidade de que se entenda o autismo como uma condição multifatorial e de desenvolvimento de procedimentos que busquem a máxima redução dos prejuízos causados por esta condição.

Entender essas especificidades é um dos primeiros passos para que haja o sucesso nos procedimentos adotados para o tratamento de crianças autistas. Além desse entendimento de individualização, colocando

em um plano mais abrangente a visão sobre tratamentos para o TEA, é preciso esclarecer que:

Não existe um tratamento farmacológico específico para o autismo, mas para as condições associadas a ele. Com relação às intervenções terapêuticas são indicadas as multiprofissionais, incluindo acompanhamentos psicológicos, fisioterápicos, fonoaudiológicos, neurológicos, psiquiátricos, nutricionais, além de inúmeros métodos e técnicas terapêuticas que podem auxiliar no tratamento do autismo (Silva e Mulick, 2006; Schwartzman, 2011).

Como a literatura aponta, ainda não há uma cura efetiva que englobe todos os casos do TEA, ou seja, mesmo havendo medicações para ajudar com os

sintomas e condições decorrentes do autismo, ainda assim não há algo uniforme, que consiga alcançar as diferentes manifestações do autismo. O meio mais eficiente encontrado para que sejam sanadas as dificuldades e manifestações do TEA são os procedimentos terapêuticos, que não são apenas importantes, mas tem-se mostrado fundamentais, tanto para a criança e seu desenvolvimento, como para os familiares que sentem a necessidade de um tratamento eficaz para o desenvolvimento da criança autista.

Assim, fica claro que o Transtorno do Espectro Autista se apresenta de diferentes maneiras nos indivíduos que o possuem, fazendo com que haja a necessidade de um tratamento específico para cada uma das manifestações em determinadas áreas da vida da criança. Torna-

-se sabido também que ainda não há cura para tal condição e, por se tratar de manifestações diferentes, não uma medicação que se mostre eficiente de maneira uniforme para todas as situações, necessitando mais ainda que se tenha um olhar particular para cada indivíduo na condição de autista.

RELAÇÃO FAMILIAR E TERAPIA

“A família é considerada, atualmente, um suporte essencial para o desenvolvimento da pessoa com autismo junto às terapias multiprofissionais” (Cunha, 2011; Silva, 2012). É nessa perspectiva de família como essencial para o tratamento da criança autista que trouxemos ao trabalho a importância, bem como os desafios em relação às famílias das crianças autistas e o

processo de intervenção terapêutica.

É comumente sabido que, para qualquer que seja a família, ter em seu âmbito uma criança com algum tipo de condição que a deixe com deficiência em relação à cognição ou aos fatores sociais, torna-se um desafio que a família precisa enfrentar junto com a criança para estar sempre em cuidado com o desenvolvimento nas áreas que a criança necessita, o aparecimento de alguma manifestação ainda antes não detectada, o funcionamento das medicações e terapias que a criança é submetida e outros fatores, como por exemplo o desgaste psicológico, geralmente dos pais, ao ter que conviver diariamente com essa condição.

Em se tratando do desgaste que majoritariamente é gerado nos pais, “A literatura demonstra sobrecarga emocional

dos pais como um dos principais desafios encontrados por famílias com crianças com diagnóstico de TEA.” (AUTISMO, 2019). Isso nos mostra o quão difícil é para uma família, mais especificamente para os pais por serem os que acompanha com maior proximidade, lidar com tantas questões que envolvem ter uma criança com TEA. É partindo disso que trazemos a reflexão de que, muitas vezes alguns pais de crianças na condição de autistas mostram-se negligentes para com os tratamentos, sejam eles através de medicação ou terapêuticos, pois encontram dificuldades desde conseguir todo o acompanhamento necessário, até conseguir vislumbrar os resultados positivos que isto traz.

Maciel (2015) diz:

a educação representa uma experiência pessoal, social e política ampla e abran-

gente, tendo em vista suas finalidades e implicações para a qualidade de vida e a cidadania. Em se tratando de Transtorno do Espectro Autista, as oportunidades educacionais desempenham papel essencial para o desenvolvimento e a inclusão social em diferentes contextos, contribuindo para o reconhecimento da pessoa como sujeito no seu ambiente sociocultural. (MACIEL, 2015, p. 227)

Esse é um dos exemplos que trazemos em relação à necessidade da criança autista ter o acompanhamento adequado, não apenas em relação à educação, mas a ela principalmente, pois na maioria dos casos a manifestação do espectro autista intervéem na questão educacional. Uma vez que a educação, bem

como as atividades terapêuticas, trazem ao indivíduo qualidade de vida e oportunidade de exercer sua cidadania, é preciso encará-las como essenciais para a vida da criança, em especial a criança autista, tornando-se assim indispensáveis.

Entender a importância da terapia para o desenvolvimento e equilíbrio dos comportamentos da criança é reconhecer, tanto em relação à área da saúde, educação como também o convívio em família, que é necessário a continuidade das vivências terapêuticas e de todo e qualquer tratamento que venha a ser indicado pelos profissionais; principalmente quando os resultados já podem ser vistos a curto prazo, mas mesmo quando não o são, ainda assim a terapia é o melhor caminho.

A LUDICIDADE NO TRATA-

MENTO DO TEA

Entendendo as necessidades e especificidades de forma mais abrangente em relação à criança autista, a abordagem terapêutica que trazemos como meio de intervenção é a ludicidade. O uso de atividades lúdicas como: jogos, desenhos, pinturas, música e recursos como estes podem ser aliados de grande valia nos tratamentos das crianças com autismo.

De acordo com a UNESCO:

O jogo é uma atividade lúdica presente durante toda a infância. Geralmente, ele é associado aos anos iniciais de vida, mas o certo é que se manifesta ao longo de toda a vida, inclusive na velhice. Todas as crianças do mundo jogam e esta atividade é tão importante que pode ser considerada a razão de ser da infância.

Além do jogo, também apresentamos outras propostas.

Desenhar, interpretar e pintar são exercícios que promovem efeitos positivos na evolução de qualquer criança, por isso, para autistas, os benefícios também são notáveis. Além de estimular e auxiliar em funções motoras (como segurar e firmar um lápis, por exemplo), despertam a criatividade, ajudam exteriorizar pensamentos e sentimentos. (Autismo, 2019, p. 49-50)

São atividades como as citadas que, já fazendo parte dos processos de aprendizagem das crianças e mostrando-se eficazes em seus objetivos de, ao mesmo tempo, ensinar e divertir, mostram-se também importantes de serem inseridas no contexto das

crianças que apresentam o espectro autista, pois, há ainda maior do que em outras crianças, a necessidade de atividades que não apenas proporcionem aprendizado e aquisição de novos conhecimentos, diversão e momentos de prazer ao realizá-las, mas em especial no caso do autismo, a interação com outras crianças. A exemplo disso, temos uma pesquisa feita que, em sua análise nos traz os seguintes apontamentos:

Apesar de preferir brincar sozinho e apresentar certa limitação na interação, o participante afirmou gostar de ter alguém para brincar; não apresentou dificuldade na execução do jogo; e foi capaz de interagir de forma a, conjuntamente, com outro jogador, concluir as pranchas do Jogo das Quatro Cores. (RICARDO,

ORTEGA, CANAL;
2015)

Esse cenário de interação dentro de uma atividade é, no caso do autismo, um importante ganho. Sabendo que a criança com TEA apresenta grandes dificuldades de socialização, ao interagir com o outro por meio da brincadeira e, não apenas interagir, mas mostrar-se satisfeito com essa interação nos mostra que, ainda que esse fosse o único ganho, já representaria algo muito significativo.

Como já explorado anteriormente neste mesmo trabalho, Mendes (2015) também já abrange dentro de sua experiência o entendimento de que:

É importante compreender a etapa de evolução de cada criança, suas possibilidades cognitivas, motrizes, neurológicas e seu ambiente

cultural, com objetivo de poder diferenciar o jogo mais viável segundo cada caso, para não exigir habilidades que ultrapassem a capacidade da criança nem, tampouco subestimá-lo, limitando assim as possibilidades lúdicas. Não existe um jogo determinado que se possa indicar para cada situação. As habilidades da criança é que indicam qual o tipo de jogo se deve incluir.

Alinhando a perspectiva do olhar específico para cada criança individualmente com a estratégia de introdução de elementos lúdicos em seu tratamento é que Mendes aborda um ponto bastante importante que é: “As habilidades da criança é que indicam qual o tipo de jogo se deve incluir.” Ou seja, além das caracte-

terísticas de cada criança serem norteadoras de quais intervenções serão feitas, que objetivos os profissionais terão, se tratando de ludicidade, também será essa individualidade que trará para o profissional qual melhor tipo de atividade a ser aplicada.

Ainda de acordo com Mendes (2015), em conclusão, nos afirma que:

A partir das intervenções realizadas é possível concluir que as atividades lúdicas de uma criança autista deve ser ajustada às suas características, sendo necessário que o professor seja dinâmico e criativo, já que nem todas atividades funcionam para todas as crianças. (MENDES, 2015)

Assim, fica cada vez mais claro que, o processo com crianças já demanda uma visão

mais delicada do profissional, enquanto as crianças na condição de autista trazem o requerimento de que o profissional seja ainda mais dedicado a essa observação. Analisamos ainda que as atividades lúdicas têm uma grande importância em qualquer área no desenvolvimento da criança e, ressaltado aqui, no caso do autismo as atividades lúdicas, principalmente jogos, proporcionam uma experiência de interação extremamente importante para a criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo os pontos tão importantes já citados ao longo do trabalho, podemos chegar à ideia de que, de fato, a ludicidade mostra-se um instrumento de trabalho com crianças autistas que traz benefícios nos tratamentos terapêuticos. A contribuição ain-

da não pode ser tratada de uma forma a generalizar o uso para todos os casos e crianças pois, como visto, não há pesquisar com uma quantidade ampla de participantes, em diferentes faixas etárias e fases de desenvolvimento de suas competências, bem como pesquisas que englobem grupos, que utilizaram e não utilizaram essa ferramenta, a fim de analisar o quanto podemos classificar válido este uso nas mais diversas situações, entendendo as especificidades de cada caso.

Apesar da necessidade de estudos que venham a colocar com mais clareza os dados que conseguimos reunir e reafirmar a posição que temos, há também a dificuldade no âmbito familiar, já explorada, que faz com que muito do potencial de desenvolvimento da criança venha a ser diminuído pela demora na busca por tratamento. Sabemos que

quanto mais precoce o diagnóstico, mais cedo a criança iniciará o processo terapêutico e isso implica em, caso haja a necessidade de mudança no formato como os processos são feitos, a remodelagem da abordagem aplicada pelo profissional seja possível, não havendo um tempo limitado, devido a um atraso na busca pelo apoio dos profissionais de saúde. Essa busca tardia pela intervenção faz com que a família possa desenvolver uma ansiedade em relação aos resultados, não permitindo que os profissionais trabalhem de forma a identificar com qual abordagem a criança mais se aproxima e lhe traz bons resultados.

Em se tratando da equipe que é preparada para lidar com as crianças em andamento com relação às terapias, de acordo com suas necessidades, o olhar dos profissionais para as

crianças precisa levar em consideração as informações que viemos reiterando ao longo deste trabalho: cada criança/indivíduo possui manifestações diferentes em relação a como o Espectro Autista se apresenta, não apenas que sintomas tem, mas em quais áreas estão suas necessidades de intervenção. Conseguir identificar, de maneira individual cada necessidade, afinidade, demonstração de satisfação ou insatisfação é imprescindível para a realização de um trabalho eficiente no tratamento da criança. Saber que o lúdico é uma ferramenta que pode contribuir bastante para o engajamento da criança, sua interação com outras e sua capacidade cognitiva de comunicar-se e expressar-se é importante para que, não apenas fuja das abordagens convencionais (não é o pretendido aqui) que não funcionam em determinada situação, mas

consiga vincular as atividades necessárias para o desenvolvimento com o prazer de participar da terapia, a vontade de continuar com o tratamento, não apenas por sentir que há uma diversão, mas um objetivo que fica claro a partir dos efeitos apresentados a longo prazo.

Dessa forma, fica que as atividades lúdicas são de grande utilidade no processo de intervenção e tratamento das crianças com Transtorno do Espectro Autista, sendo capazes de desenvolver o prazer da criança e a família a dar continuidade ao tratamento, bem como unir os objetivos voltados a cada particularidade da criança com um momento de descontração e diversão. Assim, esperamos que o trabalho contribua para as pesquisas nesse campo, a visão da necessidade de outras pesquisas e estudos relacionados, e também a implemen-

tação de mais atividades lúdicas na rotina das crianças autistas.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. (2013). DSM-5 Autism Spectrum Disorder Fact Sheet. American Psychiatric Publishing. Recuperado em 5 de dezembro de 2013, de <http://www.dsm5.org/Documents/Autism%20Spectrum%20Disorder%20Fact%20Sheet.pdf>.

Autismo / organização de Viviane Campos, Ricardo Piccinato. – Bauru, SP : Alto Astral, 2019. 64 p. (Síndromes & distúrbios)

CUNHA, E. (2011). Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Wak Ed.

GRANDIN, Temple. Inclusão: dicas de ensino para crianças e adultos. Disponível em: <http://www.autismoevida.org.br/p/inclusao.html>.

MACIEL, Diva Albuquerque. Desenvolvimento humano, educação e inclusão social / Diva Albuquerque Maciel, Silviane Barbato. – 2. ed. rev. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2015. 284 p. ; 23 cm.

MENDES, Maria Aline Silva. A Importância Da Ludicidade No Desenvolvimento De Crianças Autistas. Brasília, 2015. 55 p. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15863/1/2015_MariaAlineSilvaMendes_tcc.pdf.

RICARDO, Lorena Santos; ORTEGA, Antonio Carlos; CANAL, Cláudia Patrocínio Pe-

droza. Transtorno do Espectro Autista e Ludicidade: interações sociais e brincadeiras de um menino com Síndrome de Asperger. In: Ciências & Cognição 2015; Vol 20(2) 355-367.

SCHWARTZMAN, J. (2011). Condições associadas aos Transtornos do Espectro do Autismo. In J. Schwartzman & C. Araújo (Eds.), Transtornos do Espectro do Autismo (pp. 123-143). São Paulo: Memmon.

SCHWARTZMAN, J. (2011). Transtornos do Espectro do Autismo: conceitos e generalidades. In J. Schwartzman & C. Araújo (Eds.) Transtornos do Espectro do Autismo (pp. 37-42). São Paulo: Memmon.

SILVA, A. (2012). Mundo singular: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.

SILVA M., & MULICK, J. (2006). Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. Psicologia: Ciência e profissão, 29 (1), 116-131.

Sociedade Brasileira de Pediatria. Transtorno do Espectro do Autismo. 2019. disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775d-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo__2_.pdf